



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB

Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Direito / Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

CAMILA GEOVANNA WLAUFREDIR DE OLIVEIRA

O PODER DO CINEMA SUL-COREANO: Explorando o Soft Power é a sua Influência

**BRASÍLIA
2023**

CAMILA GEOVANNA WLAUFREDIR DE OLIVEIRA

O PODER DO CINEMA SUL-COREANO: Explorando o Soft Power é a sua Influência

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito/Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Luciano da Rosa Munoz

**BRASÍLIA
2023**

CAMILA GEOVANNA WLAUFREDIR DE OLIVEIRA

O PODER DO CINEMA SUL-COREANO: Explorando o Soft Power é a sua Influência

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito/Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Luciano da Rosa Munoz

BRASÍLIA, 2023

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a)

Professor(a) Avaliador(a)

O PODER DO CINEMA SUL-COREANO: Explorando o Soft Power é a sua Influência

Camila Geovanna Wlaufredir de Oliveira

Resumo: Com o advento da globalização e a revolução tecnológica, os meios, que inicialmente eram utilizados para o entretenimento, passaram a ser usados pelos Estados como meio para disseminar seu poder e influência. Os Estados cada vez mais têm tido noção do quanto a cultura de um país se bem desenvolvida e exercida pode se tornar uma ferramenta de poder. Essa pesquisa busca compreender como a Coreia do Sul se desenvolveu culturalmente nos últimos 20 anos, para se tornar tão forte nesse sentido. Além disso, será mostrado como a indústria cinematográfica pode ser um importante meio de disseminação de poder pelo mundo, e com a Coreia do Sul têm usado desta indústria como uma ferramenta de soft power. O conceito de Joseph Nye, contribui para a compreensão de como o cinema colabora com o seu país, e ajuda a entender como o filme “Parasita” é uma fonte soft power da Coreia do Sul.

Palavras-chave: Soft Power. Cinema. Cultura. Coreia do Sul.

Sumário: Introdução. 1 Soft Power e a Influência Cultural (1.1 Soft Power 1.2 Diplomacia Cultural 1.3 Cultura Popular). 2 Coreia do Sul (2.1 Contexto Histórico 2.2 Desenvolvimento Cultural). 3 Indústria Cinematográfica sul-coreana (3.1 Poder de Influência do Cinema 3.2 Cinema na Coreia do Sul 3.3 Análise do Filme “Parasita”). Conclusão.

INTRODUÇÃO

O cinema possui um poder único de transmitir mensagens, emocionar e conectar pessoas de diferentes culturas e nacionalidades, permitindo que os países transmitam suas culturas, valores e perspectivas para o mundo. Além de ser uma forma de entretenimento popular, o cinema pode exercer uma influência significativa, moldando percepções e promovendo o poder de um país no cenário global, e projetando o chamado "soft power" dos países. Nesse contexto, um país que se destacou nas últimas décadas por sua habilidade em utilizar o cinema como ferramenta de projeção cultural e influência global é a Coreia do Sul. “A cultura popular tem muito a oferecer ao nosso entendimento contemporâneo das Relações Internacionais” (DEBRIX, 2005, p. 553 *apud* SILVA NETO, 2018, p. 8).

No contexto sul-coreano, a cultura popular desempenha um papel crucial na projeção internacional do país. A Coreia do Sul passou por um desenvolvimento socioeconômico notável e se tornou uma potência cultural global. A *Hallyu Wave* foi um fenômeno cultural, que aconteceu por causa do grande investimento feito na indústria cultural do país nos últimos 20 anos, e esse investimento tem trazido ao país bons resultados. A imagem do país internacionalmente tem melhorado, houve um aumento no turismo e em suas exportações. Houve também um investimento na infraestrutura cultural do país, nos últimos anos bilhões de dólares foram dedicados exclusivamente ao Ministério da Cultura, após a formulação de políticas públicas, o governo sul-coreanos passou a usar a cultura como um produto de exportação, os projetos promovidos pelo governo são acessíveis e inclusivos ao mercado mundial. Através de sua música, dramas televisivos, moda e, especialmente, sua indústria cinematográfica, a Coreia do Sul tem conquistado o interesse e a admiração de pessoas ao redor do mundo.

O presente trabalho será dividido em três sessões. A primeira explora os conceitos de soft power, diplomacia cultural e cultura popular, apresentando uma base teórica para a compreensão de como o desenvolvimento cultural tem se tornado um meio importante para os Estados se destacarem internacionalmente. A segunda seção contextualiza a Coreia do Sul, abordando seu contexto histórico e seu desenvolvimento cultural, destacando as influências e fatores que contribuíram para sua posição atual no cenário global. Por fim, a última seção se dedica à análise da indústria cinematográfica sul-coreana, com ênfase no poder de influência do cinema e uma análise detalhada do filme "Parasita", como um exemplo do soft power exercido pela Coreia do Sul.

1. SOFT POWER E A INFLUÊNCIA CULTURAL

1.1 Soft Power

O Poder segundo o teórico do realismo clássico, Edward Carr (2001), é dividido em três tipos: os tradicionais econômico e militar, e o poder sobre a opinião, que refere-se a atribuição de influência, ou seja, soft power, que

é a habilidade de influenciar os outros a fazer o que você deseja pela atração em vez da coerção. O poder coercitivo seria a ostentação militar e sanções econômicas, classificadas por Nye como 'poder bruto' (ou hard power), enquanto a identidade cultural, ideológica e política comporia o 'soft power'. (GUERALDI, 2006, p. 65)

O conceito de Soft Power, criado entre a década de 80 e 90, pelo cientista político americano Joseph Nye, que foi sendo desenvolvido ao longo dos anos, como em seu livro de 2004, *Soft Power: The Means to Success in World Politics*. Nye destaca que esse poder deve ser necessariamente um meio atrativo, ele deve conquistar o agente a querer copiar quem o efetua, não o forçando ou impondo a realizar o que se deseja. O hard e soft power são conceitos usados por Joseph Nye, para distinguir as formas de manutenção de poder dos Estados. Nye (2002, p. 30) define o poder como “a capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los”. O hard power é a forma tradicional e direta de exercer poder, por meio da força e ameaça, está vinculado com forças militares e econômicas.

Já o conceito de soft power criado por Nye (2004), consiste em um meio de obter êxito no sistema internacional. O poder pode ser entendido como a habilidade de induzir o outro a fazer o que você quer. Segundo Nye, há três formas de realizar essa persuasão: com suborno, com ameaça e com atração. Ainda de acordo com o autor, por mais que um Estado seja muito forte econômica e militarmente, é por meio do soft power que acontece a aproximação para uma possível cooperação entre Estados. O hard e soft power não são equivalentes, assim como não são dependentes nem se excluem, pois um Estado pode perder sua força militar e econômica, mas fortalecer sua habilidade de atração e vice-versa. (KAWANO, 2021)

Apesar de apenas ter sido nomeado anos depois, por Nye, o soft power já estava presente na história antes disso, no século 19, depois da Guerra Franco-Prussiana, onde com a

derrota do governo francês, o mesmo iniciou uma política de incentivo a sua língua e literatura, fazendo isso através da Aliança Francesa, para que assim retomar confiabilidade, respeito e colaboração. (NYE, 2002)

A partir dos anos 1980, a forma de poder foi sendo alterada, e Nye foi considerado um inovador na área das relações internacionais, por Gunther Rudzitz (2005), doutor em ciência política, pois o mesmo diz que atores não-estatais podem ter um poder internacional importante. O poder brando não precisa ser necessariamente exercido pelo governo, o mesmo pode acontecer através de grupos não governamentais e empresas, é para que o Estado tenha uma eficácia na concretização do soft power é preciso que tenha uma política externa atrativa.

O Soft Power é uma ferramenta de poder que não está restrita apenas aos Estados. Qualquer tipo de ator, seja estatal ou não-estatal, pode exercer o Soft Power devido a sua característica indireta, transnacional e não imediata. A questão que caracteriza o Soft Power é sua esfera que engloba aspectos ideológicos, sociais e culturais. (MARTINELLI, 2016, p.69)

O soft power funciona em conjunto com a habilidade de moldar as predileções dos outros, ou seja, é uma forma de se conseguir algo não pela coerção ou pagamento, mas sim pela atração. A partir disso, entende-se a cultura como fundamental para o atrativo de um Estado, pois, se bem desenvolvida e exercida, a cultura de um país pode se tornar uma ferramenta de poder para o mesmo. Nye (2005, p. 4) diz que “Quando se consegue que os outros admirem seus ideais e queiram o que você quer, não é preciso gastar muito com políticas de incentivo e sanções para movê-los na sua direção”.

“O país que consegue legitimar seu poder aos olhos dos demais encontra menor resistência para obter o que deseja. Contando ele com uma cultura e uma ideologia atraentes, os outros se mostram mais dispostos a acompanhá-lo.” (NYE, 2002, p.2). Com isso, entende-se que o soft power está intrinsecamente ligado à credibilidade e a atratividade do Estado, ou seja, quanto maior é a sua habilidade de propagar soft power, mais confiança ele terá diante do sistema internacional. Porque o soft power está intimamente relacionado aos destinatários no nível de identidade e reciprocidade. Esse poder descentralizado retira a exclusividade inexistente da autonomia plena e a capacidade de direcionar tal poder com precisão. (KAWANO, 2021)

1.2 Diplomacia Cultural

A diplomacia surge como uma solução para lidar com as dificuldades, que a dimensão mundial, das relações internacionais estavam tomando, deste modo, foi visto que era preciso de um desenvolvimento na sua estruturação. Com o aumento das tensões políticas entre os países durante a Guerra Fria, o conceito de diplomacia cultural passou a ser usado, pois naquela época, a diplomacia tradicional (ou diplomacia política) havia perdido parte de sua efetividade e os Estados começaram a buscar novas formas de estabelecer vínculos entre os países. (CARDOSO, 2021)

O conceito de diplomacia cultural manifesta-se em diversas teorias de Relações Internacionais, como: no Realismo, a diplomacia cultural pode ser vista como uma ferramenta para alcançar objetivos de poder, por meio do uso da cultura como forma de influência sobre outros países. Como afirma Kenneth Waltz, "as diferenças culturais são importantes na medida em que afetam os interesses dos estados". (WALTZ, 1979, p. 97)

No Liberalismo, a diplomacia cultural pode ser vista como uma forma de promover valores compartilhados, como a democracia e os direitos humanos, a fim de construir relações mais amigáveis entre os países. "A cultura é uma das principais formas pelas quais as sociedades se comunicam e aprendem umas com as outras, criando laços de simpatia e confiança que são a base para a cooperação". (NYE, 2004, p. 23).

E no Construtivismo, a diplomacia cultural é vista como uma maneira de moldar a percepção de identidade e interesses do outro país, bem como de construir normas e valores compartilhados. Nessa abordagem teórica, a diplomacia cultural pode contribuir para a construção de identidades transnacionais, que transcendem as fronteiras nacionais e promovem a cooperação e a compreensão entre as nações. Como afirma Jan Melissen, "a diplomacia cultural é sobre a construção de relações de confiança, entendimento e respeito mútuo, que são essenciais para a construção de um mundo mais justo e pacífico". (MELISSEN, 2015, p. 19)

A diplomacia cultural, pode ser entendida como uma forma de diplomacia pública, que percorre pelos caminhos do soft power, ou seja, a troca de informações, artes, ideias e cultura entre povos, incentiva o entendimento recíproco entre países. (WALLER, 2008). Jisung Yoo (2018) baseia-se, em Feigenbaum (2001), ao defender uma visão sobre diplomacia cultural, onde salienta o soft power como a utilização de artifícios culturais mais intervenção sociopolítica, com o objetivo de favorecer a forma que um Estado é visto, e também é um

meio para desenvolver a economia do Estado com a ajuda do comércio nacional e da cooperação internacional.

A teoria de soft power de Nye também inclui a ideia de que a diplomacia cultural e a diplomacia pública são importantes para o desenvolvimento e a implementação da estratégia de soft power de um país. A diplomacia cultural se concentra em promover o entendimento entre diferentes culturas, enquanto a diplomacia pública visa influenciar a opinião pública em outros países. Juntas, essas duas formas de diplomacia são importantes para construir relações positivas entre países e influenciar a opinião e as ações de outros países.

A diplomacia cultural é um mecanismo de Soft Power, no sentido atribuído por Nye (1990), mas nem todo Soft Power constituirá diplomacia cultural, pois esta última, na concepção de Mitchell (1986) deve ser executada apenas na esfera do Estado e de suas agências, pois tem por finalidade facilitar a consecução dos demais objetivos de política externa. (BURNI, 2016, p.449)

Segundo Mark (2009, p.43), a forma simples de se entender a diplomacia cultural é “a implantação da cultura de um estado para apoiar os seus objetivos de política externa ou diplomacia”. Isso se refere a um plano de políticas voltadas para o campo cultural, como um meio de impulsionar a diplomacia e política externa. Ao longo do tempo, a diplomacia cultural se tornou uma forma importante de influência dos países, ajudando a construir conexões satisfatórias e proporcionando o respeito entre diferentes culturas. Hoje em dia, muitos países têm agências especializadas em diplomacia cultural, que trabalham para estabelecer essas relações entre os países através da troca de programas culturais e de outros eventos culturais.

O Departamento do Estado dos Estados Unidos, “*Report of the Advisory Committee on Cultural Diplomacy*” (2005), reafirma a diplomacia cultural como algo fundamental do soft power, e confirma isso ao desempenhar o papel de representatividade, dos EUA, a medida que procura a transferência, com outros povos, de informações, cultura e ideias, mas sempre é prevalecido a harmonia entre os países. Sendo assim, a diplomacia cultural é vista como algo indispensável para ações governamentais, mesmo que na maioria das vezes ela seja usada por agentes não-estatais.

Ribeiro (2011), apresenta as diferenças entre Relações Culturais Internacionais e Diplomacia Cultura, que podem muitas vezes serem confundidos. O primeiro diz respeito ao objetivo de melhorar e fortalecer a relação entre nações e instituições ao decorrer do tempo com benefício mútuo, já o segundo, é a aplicação exclusiva da relação cultural para a

conquista de objetivos nacionais de caráter não somente cultural, como também comercial, político e econômico.

A diplomacia cultural pode ser inserida em diversas formas, como ressalta Ribeiro (2011, p. 31), ao apresenta os temas abordados pela diplomacia cultural pelos seguintes pontos: promoção da arte e dos artistas, distribuição integrada de material de divulgação, ensino de língua como veículo de valores, intercâmbio de pessoas, apoio a projetos de cooperação intelectual, apoio a projetos de cooperação técnica, integração e mutualidade na programação.

A cultura é algo abstrato, não se tem o entendimento completo sobre seu funcionamento, por isso, a cultura como agente de política externa não traz resultados imediatos, é preciso um longo prazo para que aconteçam, visto que é uma forma invisível de estabelecer um meio propício à compreensão. “O intercâmbio cultural, na medida em que possibilita a transferência de um povo a outro de experiências, ideias e patrimônios valiosos, prolonga, enraíza, consolida e preserva uma atmosfera que favorece o entendimento”. (RIBEIRO, 2011, p. 34).

1.3 Cultura Popular

Desde o fim da Guerra Fria, a cultura tem desenvolvido um certo prestígio sobre as relações internacionais, já que a mesma pode ser entendida como um retrato do comportamento dos atores no sistema internacional. A cultura tem um papel fundamental na política externa, sob a ótica de valores, pois tem poder de influência nesse espaço, ela é importante na aproximação com outros Estados, como também influi pensamento e sentimentos. (SUPPO; LESSA, 2007; MILZA, 1980)

Nas relações internacionais, a cultura popular pode ser utilizada como um recurso para analisar política externa de um estado, onde o mesmo é guiado por sua identidade nacional. Muitos aspectos da cultura popular, como arte, literatura e cinema, são importantes para a política mundial. Nos últimos anos, a interação entre política e cultura popular tem se expandido visivelmente. A cultura de certa forma pode influenciar a política, por meio das ideias, linguagem, símbolos e identidades. E é na cultura popular que se entende a identidade e a moralidade, pois é onde elas são transformadas, moldadas e produzidas, e representam a vida política e social de uma determinada nação. (NEXON; NEUMANN, 2006)

A cultura popular pode ser entendida como um espaço importante em que ideologia, poder e identidade são formadas, desenvolvidas e realizadas. A literatura, música, moda, arte

e cinema são algumas das formas entendidas como cultura popular, essas formas de cultura ajudam na construção e entendimento da política de um Estado. Reduzir a cultura popular a uma organização que meramente espelha uma base política, é um erro. Obras de cultura popular conduzem discursos e debates políticos, assim como, a mesma é induzida por eventos políticos. Além de oferecer um recurso essencial para a comunicação de teorias, ideias e conceitos. (NEXON; NEUMANN, 2006; GRAYSON; DAVIES; PHILPOTT, 2009)

A cultura popular é uma forma importante de comunicação e identidade nas sociedades contemporâneas, ela tem um impacto significativo nas relações internacionais, influenciando a forma como os indivíduos veem outros países e culturas, e moldam a política e as relações diplomáticas. (GRAYSON; DAVIES; PHILPOTT, 2009)

A globalização fez com que os Estados interagissem gradativamente mais, dando a entender que o mundo se tornou menor, ou seja, que a distância entre os Estados já não é mais tão grande (BURNI, 2016). O fenômeno da globalização viabilizou uma consolidação no comércio internacional, tornando assim um caminho fácil e rápido para a difusão e intercâmbio entre culturas, que tornou-se um produto comercial.

Artefatos culturais contemporâneos, como filmes e livros, emergem de uma indústria de entretenimento. Como o estudioso da mídia Nicholas Garnham apontado há mais de duas décadas, as indústrias culturais são cada vez mais uma atividade global, baseada no mercado, ao invés de um serviço público nacional. [...] O resultado foi "mudar a definição dominante de informação pública de um bem público para uma mercadoria de apropriação privada". esta tendência foi plantada no início do século XX. (NEXON; NEUMANN, 2006, p. 29, tradução nossa)

O conceito de indústria cultural, criado por Adorno e Horkheimer (1985), que tem por essência um aspecto totalmente comercial, ou seja, apresenta a arte como um produto a ser comercializado.

Como a própria nomenclatura já explicita, a Indústria Cultural não passa de uma fábrica de produtos culturais, sejam eles filmes, programas de televisão ou músicas. É de grande relevância a compreensão do conceito de Indústria Cultural para que se possam estudar as implicações desta para a sociedade e para o sistema internacional, já que os produtos desta indústria são os mais consumidos atualmente, por ela possuir um grande alcance, chegando a todos os países do planeta. (OURIVEIS, 2013, p. 177).

A junção entre indústria cultural e soft power é uma importante ferramenta para um Estado se desenvolver internacionalmente. A progressiva notoriedade comercial dos produtos culturais deu origem a um progresso, a política cultural agora é paralela à política comercial. Os governos não pensam mais apenas nas contribuições sociais e políticas que uma importante indústria local de produção ou publicação pode fazer. Levam em conta as

oportunidades de exportação, os custos econômicos e não econômicos das importações e as barreiras de entrada no mercado. Assim como qualquer indústria, a produção cultural passou a ser produzida em grande escala, e se tornou um grande sucesso no mercado. (SILVA, 2016; NEXON; NEUMANN, 2006)

2. COREIA DO SUL

2.1 Contexto Histórico

A Coreia do Sul é um país localizado no leste da Ásia, na Península Coreana. As grandes potências, Rússia, China e Japão, cercam a Península Coreana, que ao longo dos anos tem sido afetada por conflitos e disputas entre elas. Desde o começo do século XX, ocorreram intervenções estrangeiras no território coreano, em 1910, a região foi anexada ao Japão, essa ocupação não foi pacífica, eram violentos, exploram os recursos naturais da região e limitavam o acesso à identidade e à cultura coreana. Com a Segunda Guerra Mundial, os coreanos e os norte-americanos se uniram contra os japoneses em seu território. (OLIVEIRA, 2009)

Em 1945, com a rendição do Japão, a Coreia foi dividida em dois países: a Coreia do Norte, sob influência soviética, e a Coreia do Sul, que recebeu apoio dos Estados Unidos. Paralelo 38, uma fronteira artificial, é como ficou conhecida a divisão norte e sul da Coreia, essa ocupação não durou por muito tempo, e em meados de 1948-49, foram encerradas. Ainda nessa época a República da Coreia foi criada, e sua independência foi declarada. (OLIVEIRA, 2009; SILVA, 2023)

Em 1950, teve início a Guerra das Coreias, que dividiu definitivamente o país em dois, tropas norte-coreanas iniciaram o conflito, inspirados pela Revolução Chinesa, de 1949, invadiram a parte sul do país, tinham como objetivo reunificar as Coreias. Os norte-americanos conseguiram, através da ONU, a aprovação para enviar tropas e ajudar os sul-coreanos. A equiparação das forças norte e sul favoreceu uma negociação diplomática, assim evitando que a guerra tomasse proporções irreversíveis. A guerra durou três anos e terminou com a assinatura de uma trégua, que nunca foi substituída por um acordo de paz. (SILVA, 2023; SOUSA, 2023)

Na década seguinte, 1960, os sul-coreanos sofreram um golpe militar, liderado pelo general Park Chung-hee, seu governo foi patrocinado pelos Estados Unidos, que apoiavam

todos que seguiam suas ideias na luta contra o comunismo. O golpe foi realizado com o objetivo de acabar com a instabilidade política e econômica do país, que havia passado por várias mudanças de governo desde a sua independência, em 1948. Seu governo foi marcado, por além do autoritarismo e de violar os direitos humanos, pelo desenvolvimento econômico e medidas políticas nacionalistas e protecionistas, para promover a industrialização e exportação. Essas políticas resultaram em um crescimento econômico significativo, conhecido como o "Milagre do Rio Han", que transformou a Coreia do Sul de um país agrícola pobre em uma economia industrializada e exportadora. (TOUSSAINT, 2017; GUITARRARA, 2023)

A economia cresceu rapidamente e a Coreia do Sul se tornou uma potência industrial, “apostou na formação de grandes grupos empresariais, os *chaebols*, organizados em estrutura de conglomerado e com atuação em vários setores” (GUIMARÃES, 2010, p. 48), com destaque para setores como o automobilístico, eletrônicos e construção naval. Os *chaebols* correspondiam a uma parte importante das vendas e produções na economia, se tornaram hábeis para concorrer internacionalmente e tiveram um avanço em suas capacidades tecnológicas. (GUIMARÃES, 2010)

A economia sul-coreana, segue um modelo de grande intervenção estatal, ou seja, as empresas e o Estado têm um vínculo. O Estado buscou tornar suas indústrias fortes e capazes de emplacar com os concorrentes, utilizando incentivos e sanções.

O controle do setor financeiro deu ao Estado forte capacidade de promover os setores considerados estratégicos. Uma alta capacidade de monitoramento, propiciada por uma burocracia capacitada, garantiu que os incentivos fossem acompanhados de aumento de produtividade, elevação na competitividade e capacidade de exportação (Amsden, 1989; World Bank, 1993). Durante as décadas de 1960 a 1980, a implantação desse modelo levou a um rápido e bem-sucedido processo de industrialização. (GUIMARÃES, 2010, p. 47)

Em 1979, o então presidente Park Chung-hee, foi assassinado, e o país sofreu um segundo golpe militar, com a desculpa de que isso iria evitar que a Coreia do Norte dominasse o país, e Chun Doo-hwan assumiu o governo. Em maio de 1980, estudantes se juntaram para lutar contra o governo autoritário, que já durava quase 20 anos. Na cidade de Gwangju ocorreu um massacre, o presidente Chun mandou soldados combaterem os manifestantes de forma violenta. Nesse massacre, mais cidadãos coreanos se juntaram ao movimento a favor da democracia, e o governo de Chun perdeu ainda mais sua credibilidade, o mesmo continuou no poder até 1988, após isso, as eleições tornaram-se democráticas. (LUZ, 2021)

O presidente expandiu sua declaração anterior da lei marcial, que impedia manifestações e fechou universidades e escritórios de jornais. Como a polícia da cidade não conseguiu controlar a multidão, o presidente Chun enviou tropas adicionais do exército para Gwangju armadas com equipamento anti-motim e munição real. Os soldados usaram gás lacrimogêneo, cassetetes e balas de borracha para conter o levante, mas, quando os trabalhadores e pais viram seus filhos sendo brutalmente agredidos, saíram às ruas para protegê-los. Os militares abriram fogo contra a multidão e centenas de pessoas morreram ou ficaram gravemente feridas. (LUZ, 2021)

A Coreia do Sul começou a transição para a democracia, em 1980. Como isso, o governo não tinha tantos meios de pressionar suas decisões, como no período militar. A democracia proporcionou aos *chaebols* meios adicionais para fazerem exigências e aumentou a subordinação financeira dos políticos com os empresários. Embora tenha favorecido a centralização de indivíduos insatisfeitos com os privilégios que os *chaebols* receberam, a democracia fortaleceu esses grupos e tornou difícil impor as reformas necessárias. (GUIMARÃES, 2010; CHANG, 2006)

A década de 90 foi muito significativa para a história sul-coreana, foi um período de profundas transformações políticas, econômicas e sociais. Após décadas de ditadura militar, a Coreia do Sul passou por uma transição democrática nos anos 80, culminando na eleição do presidente Kim Young-sam em 1993, o primeiro presidente civil em 30 anos, seu governo foi muito importante na questão cultural do país. No campo econômico, a Coreia do Sul alcançou grande prosperidade, mas a crise financeira asiática de 1997 colocou em risco essa estabilidade. O país enfrentou dificuldades econômicas graves, com a desvalorização da moeda, a queda no crescimento econômico e a falência de muitas empresas.

A liberalização econômica nos anos 1980 e 1990 foi um fator importante para a crise financeira asiática de 1997, pois permitiu que os países asiáticos abrissem seus mercados e atraíssem grandes volumes de capital estrangeiro, incluindo investimentos especulativos de curto prazo. Esses investimentos ajudaram a financiar o rápido crescimento econômico da região, mas também geraram desequilíbrios financeiros, aumentando a vulnerabilidade dos países asiáticos às flutuações do mercado internacional. Muitos desses países adotaram políticas cambiais desestabilizadoras, como manter suas moedas fixas em relação ao dólar americano, o que levou a um aumento das importações e ao acúmulo de dívidas externas. Quando a crise atingiu a Tailândia em julho de 1997, os investidores estrangeiros retiraram seu capital da região, gerando um efeito dominó que afetou severamente a economia de vários países asiáticos. (GUIMARÃES, 2010)

No Leste Asiático, a crise econômica foi tão grave que pode ser considerada proporcional à crise de 1929. A crise foi desencadeada pela queda abrupta dos valores das moedas de países e pelo aumento da dívida externa em relação ao Produto Interno Bruto (PIB). Os países mais atingidos foram Malásia, Filipinas, Indonésia, Tailândia e Coreia do Sul, a crise provocou prejuízos em diversas áreas, como: aumento em problemas sociais, crescimento da taxa de desemprego, redução na produção de bens, fuga de capitais e aumento nas declarações de falência. Além disso, a crise permitiu que fossem salientadas instabilidades e vulnerabilidades internas dessas economias. (GUIMARÃES, 2010)

A Coreia do Sul teve uma rápida e eficiente resposta à crise, muito disso foi devido à criação de uma agência com conhecimento para executar reformas, a Financial Supervisory Commission (FSC). Essa agência estabeleceu critérios internacionais para a regulamentação do sistema financeiro, e também era de responsabilidade da FSC determinar em quais bancos os governos não deveriam intervir, e deixar quebrar. Ademais, as limitações nas entradas de capital estrangeiro foram anuladas. (GUIMARÃES, 2010)

Além da crise ocorreram eleições na Coreia do Sul, em 1997, Kim Dae-jung foi eleito, o mesmo tinha a visão de que os *chaebols* foram a causa da crise, o mesmo propôs uma negociação com empresários para uma reconstrução empresarial, que não foi bem aceito inicialmente, mas devido à situação do país a negociação aconteceu. Kim Dae-jung, contribuiu bastante para que as reformas propostas pelo FCS acontecessem. (GUIMARÃES, 2010)

Kim Dae-jung tinha laços com os trabalhadores e com os grupos populares e procurou utilizá-los para reforçar o apoio político em favor das reformas. Fez concessões aos trabalhadores, incluindo um lugar na mesa de negociações, a criação do seguro desemprego e melhorias na rede de seguridade social. As concessões, bastante significativas, foram usadas como contrapartida para a realização de reformas difíceis, que incluíam grande número de demissões (HAGGARD, 2000; GUIMARÃES, 2010, p. 55)

O artigo de Guimarães (2010), destaca que o papel do Estado foi fundamental para a recuperação econômica da Coreia do Sul. Os burocratas assumiram o controle das reformas diante da diminuição da influência dos *chaebols* e dos trabalhadores, segundo o autor (2010, p.56) “os políticos reinavam, e os burocratas governavam”, com isso o Estado volta a ser quem dita as regras. O governo implementou políticas promovendo o investimento em infraestrutura, tecnologia, pesquisa e desenvolvimento. Além disso, o artigo destaca que a recuperação da economia coreana também foi impulsionada pela melhoria do ambiente externo, com a recuperação da economia global e a expansão do comércio internacional. “Seu

sucesso está relacionado a intervenções que buscavam complementar, ao invés de substituir, a ação do setor privado.” (GUIMARÃES, 2010, p. 57)

A Coreia do Sul mostrou grande capacidade e agilidade na adoção das reformas, o que explica a rapidez da recuperação econômica. Tal sucesso dependeu de uma estrutura institucional que dava grande força ao Executivo e da capacidade de ação da burocracia, fortalecida pelo enfraquecimento dos chaebols. O êxito foi também criticamente afetado pelas características do presidente eleito, dissociado das dificuldades anteriores e detentor de apoio político e legitimidade para adotar as medidas necessárias (GUIMARÃES, 2010, p.58)

2.2 Desenvolvimento Cultural

No final da década de 90, a cultura sul coreana se desenvolveu de forma significativa, sendo denominada de indústria, uma vez que a mesma começou a comercializar seus produtos culturais, como: música, filmes e artes. A exportação desses produtos, primeiramente para seus países vizinhos na Ásia, e posteriormente para os mercados ocidentais, fez com que, mesmo de forma indireta, todo o mundo tivesse uma experiência com a cultura sul coreana. Todos esses fatores foram o que constituíram o chamado *Korean Wave*, ou *Hallyu Wave*, que nada mais é do que a ascensão da indústria cultural coreana, em paralelo ao avanço da sua cultura popular circulando pelo comércio global.

A indústria cultural coreana tem evoluído em meio à briga entre a globalização neoliberal e o desenvolvimentismo estatal. Na década de 1960, a Coreia tinha um modelo firme de desenvolvimento guiado pelo Estado, fortemente voltado para exportações, esse desenvolvimento aconteceu com a intervenção do governo para viabilizar o avanço econômico em cooperação com os *chaebol*, ou seja, o desenvolvimento do país era uma “doutrina política dirigida pelo Estado cunhada pelo Estado para combater as duras condições econômicas domésticas” (LEE; KIM, 2010, p. 315, tradução nossa).

Durante o governo de Park Chung-hee, foram lançados vários planos econômicos, com o objetivo de estimular o crescimento econômico, em curto prazo. As ações de Park transformaram a economia coreana de agrícola para industrial. Nessa época com o governo autoritário, a indústria cultural sofreu bastante com a censura, a mesma não era vista como relevante para o comércio global, era apenas usada na construção da nação. Até os anos 1988, fim do regime militar, a cultura popular de outros países era proibida na Coreia, mediante cotas de tela e programas, nos cinemas e rádios. (RYOO; JIN, 2020)

A situação cultural do país mudou, quando começa sua transição para a democracia (1980-1990), o governo adotou medidas neoliberais tanto econômicas quanto políticas culturais, essa mudança ocorreu pois o país não seria capaz de realizar as mesmas políticas de desenvolvimento dos anos 1980. Assim o governo coreano desregulamentou e liberalizou as indústrias culturais como base em suas tendências neoliberais, em meados de 1980, mas criou sua própria política cultural para apoiar e iniciar a evolução do setor cultural. (RYOO; JIN, 2020)

A visão neoliberal passou a ser uma norma global, em 1990, isso fez crescer a concorrência no mercado mundial. O presidente da época, Kim Young-sam, colocou como meta de seu governo aumentar a competitividade nacional, além disso, após 1993, o governo reconheceu a importância da econômica cultural, tirando seu foco da arte para o comercial e intensificando a comercialização da cultura nacional. Como citado por Adorno e Horkheimer (1985), os bens e serviços culturais começaram a ser produzidos, reproduzidos e distribuídos comercialmente como parte de uma estratégia voltada para o crescimento econômico da Coreia. (RYOO; JIN, 2020)

Ainda em seu governo Kim, dentro do Ministério da Cultura e Turismo, criou a Direção das Indústrias Culturais, em 1994, que tinha como objetivo industrializar e internacionalizar a cultura coreana. Kim Young-sam percebeu como as produções audiovisuais no mundo estavam em ascensão, por causa da globalização, e via o potencial e necessidade em colocar as produções nacionais no mesmo nível que dos países vizinhos, para competir nesse mercado. Esse investimento no setor audiovisual foi importante para o crescimento futuro do país. Além disso, foram definidos, pelo governo de Kim, símbolos que caracterizariam a cultura nacional, como: alfabeto coreano (Hangul), o taekwondo e os templos budistas. (KIM; JIN, 2016, p. 5521). “No governo de Kim Young-sam, as políticas culturais deixariam de ser associadas ao controle e à censura, assumindo características mais produtivas e, eventualmente, econômicas. Era este o nascimento da *Hallyu*” (SOUSA, 2022, p. 33).

A onda coreana se trata de um grande investimento, tanto do governo da Coreia do Sul quanto da iniciativa privada. A nível governamental, a Hallyu tem apoio do KOCIS, Serviço de Cultura e Informação da Coreia, braço do Ministério da Cultura, Esporte e Turismo do país, e de diversos órgãos governamentais ligados a esse ministério, que apoiam a cultura coreana por meio da criação de incentivos, estímulos ao setor, participação na co-criação de conteúdos de divulgação e outras ações como eventos mundo afora. Atualmente, o KOCIS tem 32 centros culturais, localizados em diversos países. No Brasil, o Centro Cultural Coreano fica em São Paulo. (BASSO, 2020)

O termo *Hallyu* (Onda Coreana), foi mencionado pela primeira vez na imprensa chinesa, em 1999, após o sucesso de uma série coreana exibida na China, e gerou uma enorme popularidade para a cultura sul-coreana na China. Desde então, o termo tem sido usado para descrever a crescente popularidade da cultura sul-coreana em todo o mundo.

A crise asiática, em 1997, foi um fator importante para o início da expansão da cultura sul-coreana no exterior, que culminou na popularização da onda coreana. A crise resultou em uma série de reformas desenvolvidas na Coreia do Sul, que afetaram profundamente a economia e a sociedade do país. O governo que buscava formas para se recuperar da crise e diversificar sua economia, utilizou da indústria cultural sul-coreana que, passou a ser vista como um produto a ser comercializado e a exportação de produtos culturais tornou-se uma alternativa muito lucrativa.

Durante seu governo Kim Dae-jung (1998-2003), tinha o objetivo de promover o mercado exportador, então em 1999, foi criada a *Basic Law For the Cultural Industry Promotion*. Sendo assim, o aumento da popularidade da cultura coreana, de acordo com a Korean Creative Content Agency e o Ministério da Cultura, Esportes e Turismo, as exportações de conteúdo cultural sul-coreano cresceram de US \$188,9 milhões em 1998 para US \$4.679,3 milhões em 2015. O governo coreano utilizou o *Hallyu* como uma forma de favorecer sua imagem nacional, sua política externa nos anos 90, introduziu um fortalecimento na relação cultural nacional, e internacionalmente logo depois. (RYOO; JIN, 2020)

O estado sul-coreano ergueu o status da cultura pop a um dos seus mais elevados ramos econômicos no engajamento diplomático, acompanhado com o ramo tecnológico que possui um grande reconhecimento em escala global. Visto que, antes do rápido crescimento do entretenimento, o Estado sul-coreano tinha um grande reconhecimento devido às indústrias do setor tecnológico, como Hyundai, Samsung e LG. (SANTANA; CARDOSO; GREGORIO, 2021, p. 20)

Nos anos 2000, *Hallyu* evoluiu para um fenômeno global, disseminando-se rapidamente para o sul da Ásia, Oriente Médio e Europa. Porém, para a Onda Coreana se tornar uma eficiente exportadora de bens culturais, e expandir-se mundialmente, foi preciso a institucionalização de política cultural.

K-dramas ao longo do início do século XXI foram se transformando e se adaptando aos públicos exteriores obedecendo uma estética mista e popular. Jung (2018) mostra as origens da cultura mista com a presença dos EUA na Coreia durante a Guerra Fria e a influência cultural americana na sociedade coreana. A estética audiovisual híbrida com elementos estrangeiros como estratégia foi eficiente e alcançou um público além das fronteiras do leste asiático. (KAWANO, 2021, p.16)

Para entender o fenômeno da *Hallyu Wave*, é preciso entender que ela foi dividida em quatro ciclos de desenvolvimento. O primeiro é o *Hallyu 1.0* que era voltado para a exportação e disseminação de produtos culturais, principalmente os produtos da indústria audiovisual, mais conhecidos como K-drama. Na *Hallyu 2.0* a música coreana ganha destaque e uma popularidade crescente mundialmente, a *Hallyu 3.0* que é o despertar do interesse estrangeiro sobre a história coreana. A *Hallyu 4.0* está ligada com a ascensão da popularidade na moda e estética sul-coreana, K-Style.

Hoje em dia, a *Hallyu* não apenas promove produtos, mas também um estilo de vida associado a eles. A indústria cultural da Coreia do Sul se tornou uma fonte de crescimento econômica para o país, além de ser uma fonte atualizada da identidade nacional, o que aumentou o prestígio da Coreia do Sul na Ásia. A *Hallyu* tem revigorado a cultura da Ásia Oriental e deu um novo sentido para a produção midiática regional. A Coreia do Sul é atualmente a 12ª maior economia do mundo, e graças à *Hallyu*, os lucros de exportação de produtos culturais e midiáticos ultrapassaram os US\$10 bilhões em 2019. Em 2020, o governo sul-coreano designou US\$1,42 bilhão em estímulos para o desenvolvimento de conteúdo cultural local, a fim de manter o aumento dessa influência pelo mundo. (URBANO, 2020)

Além disso, atualmente, a *Hallyu* é reconhecida como um exemplo de diplomacia cultural e soft power. Através de sua indústria cultural em expansão, a Coreia do Sul utiliza a *Hallyu* como uma ferramenta para promover sua imagem e influência internacionalmente. A disseminação da música, filmes, dramas e outros produtos culturais coreanos têm contribuído para a construção de uma imagem positiva do país, gerando interesse e simpatia em outras nações. Essa capacidade de influenciar e atrair pessoas por meio da cultura é considerada uma forma de soft power, que pode fortalecer a posição internacional de um país e melhorar suas relações diplomáticas. A *Hallyu* tem desempenhado um papel significativo nesse sentido, tornando-se um importante instrumento de diplomacia cultural para a Coreia do Sul.

3. INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA SUL-COREANA

3.1 Poder de influência do Cinema

O ser humano ao longo dos séculos utiliza a arte como forma de reviver a história, tentam transmitir os sentimentos, valores e memórias, seja por meio da dança, música, pintura ou cinema. É uma característica humana expressar o que tem ou sente, guardar uma memória da sua própria percepção, desde a pré-história, onde eram deixados desenhos nas paredes de cavernas, e na Grécia antiga onde eram expressados os sentimentos através dos teatros. A indústria cinematográfica, a partir do século 20, toma consciência de como os filmes são influentes, do divertimento público ao doutrinação e poderiam tornar-se um instrumento coercitivo, tendo potencial para instigar e mexer, de forma branda, com as preferências e o estilo de vida das pessoas. (BERNARDES, 2022; CINEMA, 2022)

A Revolução Industrial transformou o cinema em uma ferramenta política do Estados, para conseguirem poder e aliados. Isso fez com que o propósito dos cinemas apresentados pelos Irmãos Lumière, inventores do cinematógrafo, em 1895, fosse alterado. Outros meios de distração popular são vistos ao longo da história, por exemplo, no Império Romano a política de "pão e circo", onde a plebe ficar desinteressada em política e da atenção somente para prazeres, como a comida e o divertimento, além disso, a popularidade do imperador entre os mais pobres ficava consolidada. Já em 1558-1603, na Inglaterra Elizabetana, as comédias teatrais eram o que atraía uma grande audiência, era uma outra forma de "pão e circo". Isso demonstra que a utilização da cultura como um instrumento político ao decorrer dos anos tem sido muito eficiente. Percebendo a capacidade política que o cinema tem, durante a Revolução Russa, o cineasta russo Eisenstein, usou suas próprias obras cinematográficas para disseminar o comunismo, expressando sua realidade econômica, política e social. "Todo filme é um documentário" (NICHOLS, 2007, p. 26 *apud* SILVA, 2016, p.15).

Durante a Segunda Guerra, a indústria cinematográfica foi utilizada pelos Estados para mostrar ao público que dispunha do poder. No lado dos Aliados, os EUA tinham a indústria cinematográfica Hollywood e os estúdios Disney, a URSS tinha a Administração Principal da Indústria Cinematográfica e de Fotografia da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Já do lado do Eixo a Alemanha tinha o Ministério da Propaganda do Reich

(*Reichsministerium für Volksaufklärung*), órgão que tinha todo o controle de propaganda alemão.

Nos tempos atuais, grande parte do conhecimento sobre o mundo é majoritariamente influenciado por conteúdos visuais, tanto em televisão quanto em notícias. A sociedade atual tem um melhor entendimento de informações por meio de estímulos visuais, com a utilização de televisores, smartphones e a internet. As informações e o conhecimento dos cinemas têm uma grande relevância, a combinação de meios visuais e orais ajudam no armazenamento da memória humana e facilitam no entendimento de aprender e lembrar de informações. Tornando assim, o cinema uma importante ferramenta de transmissão política, “o uso de filmes não é apenas uma desafiadora nova direção dentro da ciência política, mas também é uma de relevância e promessa vital no futuro” (O’MEARA, 1976, p. 220 *apud* SILVA NETO, 2018, p.8)

A realidade que os cinemas conseguem trazer, faz com que os acontecimentos pareçam mais interessantes, a forma que um filme é construído vai determinar a personagem que tem que ser odiada e qual tem que ser amada, por meio de uma identificação pessoal, trazendo isso pra vida real, se torna possível um ator político obter empatia do público, através de um filme. Essa identificação leva em consideração o espaço de manobra dos atores envolvidos e sobre as opções em situações complexas e as implicações normativas e éticas envolvidas. O tipo de confronto pessoal, dramático e visual com questões de política e violência, assim como teorias sobre guerra e paz, cria algum nível de emoção no público. (SILVA NETO, 2018)

Para Ferreira (2019), os filmes podem ser o primeiro contato com alguma população ou cultura. O cinema tem seu característico código artístico, e suas obras fazem com que o público se identifique, independente da classe social ou conhecimento, exteriorizando ambições humanas. A identificação do indivíduo com a "sétima arte" fez com que os cinemas fossem usados como instrumento político, a linguagem espremida nos filmes para a população tornou-se um meio onde ideologias políticas ganharam legitimidade. Desde o século 20, o cinema é usado para propagar determinada ideologia e valores.

Na cinematografia, os filmes são invenções construídas a partir da realidade, ou seja, nunca neutros culturalmente nem objetivos. Os filmes sempre serão entendidos com base nos olhos de quem escreveu, sendo assim, é um importante meio para compreender narrativas culturais particulares de fatos ou eventos. Tendo assim, uma junção de estética e política internacional, logo, a cultura popular é o produto e a causa da política internacional. Um filme traz uma visão individual de uma interpretação da realidade. “E quanto mais sucesso o

filme possuir, ou seja, quanto maior for a sua arrecadação, maior também será a probabilidade de ser uma representação da identidade dos valores de um país em particular" (SILVA NETO, 2018, p.10).

"Todos os filmes são políticos, mas os filmes não são todos políticos da mesma maneira" (WAYNE, 2001, p. 1 apud MARIA, 2015, p. 47). O cinema tem uma função essencial na política, quando está exercendo esse papel, torna-se o quarto poder. Ao decorrer de sua criação, o cinema teve uma relevante atribuição tanto social quanto política, no contexto social como um colaborador ao governo. Ao passar dos anos com a evolução do mundo e o desenvolvimento do cinema, o mesmo passa a ser um dispositivo político apto a encantar e interessar parceiros. (SILVA, 2016)

Cada vez mais o cinema tem ganhado um espaço na cultura pop, e tem se tornado um instrumento muito importante para o soft power. Praticamente desde o primórdio das indústrias cinematográficas, a mesma tem uma regra: "se o consumidor gostou de algo, então deve ser repetido". O cinema de massa, cativou não somente a atenção de seus cidadãos, mas também de estrangeiros. Rutman, pesquisador de cinema, diz que o sucesso do cinema de massa aconteceu pelo fato de que "as pessoas que veem o bem na imutabilidade das ilusões básicas (clichês) são a maioria" (RUTMAN, 2012, p. 90 apud TEMEPBAEBA, 2022).

O cinema tem conseguido conquistar cada vez mais o grande público, a partir disso, o cinema é usado para atividades político-ideológicas e como uma fonte de influência de opiniões. Como o cinema é feito para o público, é um dos instrumentos mais eficientes da política de poder. A mesma opinião é compartilhada por Robert Winder (2021), em seu livro *Soft Power. O New Great Game for Global Dominance*: "Se o soft power, como sugerimos, é uma espécie de competição de histórias". (TEMEPBAEBA, 2022)

Atualmente com o avanço tecnológico, a indústria cinematográfica é a que melhor expõem eventos históricos. Um exemplo disso, ocorreu na Guerra Fria (1945-1991), no período da corrida espacial, onde o espaço se tornou um cenário muito explorado pelos cinemas, pois era um ambiente desconhecido, cenários diferentes eram criados, combinando a ficção com a realidade que cada lado queria contar. Um filme produzido nessa época foi o primeiro *Star Wars* (1977), o mesmo é uma amostra de como a arte pode ser associada à situação política mundial. (BERNARDES, 2022)

O uso do cinema pelo Estado, como uma ferramenta política, soft power, agindo para manipular ideologicamente a população. "A utilização do cinema para formar e influenciar a opinião pública, induzir posições políticas, criar inimigos e legitimar políticas

governamentais não é novidade”. (ZANELLA; NEVES JR, 2015. apud BERNARDES, 2022).

Os meios de comunicação, podem levar a população a alienação, muito disso é visto na indústria hollywoodiana, empregando o estilo de vida norte-americano. O cinema tem a atribuição de induzir políticas-sociais de Estados, e entre Estados. A utilização da indústria cinematográfica, pelos Estados, como meio de disseminar e se promover é algo que pode ser visto atualmente com muito mais frequência, como é o caso da Coreia do Sul.

3.2 Cinema na Coreia do Sul

A indústria cinematográfica sul-coreana tem sido um dos principais impulsionadores do soft power da Coreia do Sul, contribuindo para a disseminação de sua cultura e influência no cenário global. Nas últimas décadas, a indústria cinematográfica sul-coreana experimentou um crescimento notável e alcançou reconhecimento internacional, conquistando prêmios e uma base sólida de fãs ao redor do mundo.

Com uma rica história que remonta à década de 1910, quando os primeiros filmes foram produzidos no país, a indústria cinematográfica sul-coreana passou por várias transformações e desafios ao longo do tempo. Durante o período de ocupação japonesa, Guerra da Coreia e Golpe militar, a produção cinematográfica no país sofreu restrições e censura, limitando seu crescimento e desenvolvimento.

No entanto, a partir da década de 1990, a indústria cinematográfica sul-coreana experimentou um renascimento notável. Uma série de fatores, como o investimento governamental, a liberalização da indústria e a emergência de cineastas talentosos, impulsionaram a produção cinematográfica e abriram novas oportunidades para os cineastas sul-coreanos.

Em meio ao governo de Kim Young-sam, no ano de 1994, foi lançado o filme “Jurassic Park”, e foi a partir dele que a visão do governo coreano sobre as produções audiovisuais mudou. Esse filme conquistou a população sul-coreana e não saiu das telas dos cinemas de todo o país, por cerca de três meses, nenhum outro filme, além desse, era exibido. Por causa disso, o então presidente recebeu um relatório, onde foi visto que o faturamento de “Jurassic Park”, era equivalente ao lucro que a Coreia do Sul ganharia com a exportação de 1,5 milhões de carros Hyundai. (MOREIRA, 2021; RUFINO, 2018)

O relatório que Kim recebeu, fez com que o governo sul-coreano desenvolvesse políticas de incentivo ao investimento na indústria cinematográfica, como a Lei de Promoção de Filmes (em 1995), que propunha programas de financiamento e incentivos para investimentos nesse setor.

Depois que o relatório foi submetido, em 1995, o governo coreano fez uma emenda a MPL (Lei do Audiovisual sul-coreana), que trocou o nome para “*Motion Picture Promotion Law*”, no intuito de atrair capital para o estabelecimento de um fundo setorial e também para criação de incentivos fiscais para o setor audiovisual. Essa Política de promoção foi chamada de “*Learning from Hollywood*”. (RUFINO, 2018)

Como política cultural, o governo atraiu a atenção das empresas privadas e então, os *chaebols*, viram na indústria cinematográfica um bom mercado, começaram a investir no desenvolvimento de filmes nacionais. Empresas como LG, Samsung e outras, criaram subsidiárias, que foram encarregadas da importação, exibição, distribuição e produção de filmes. Alguns desses filmes lançados receberam financiamento integral dessas empresas. (MOREIRA, 2021; RUFINO, 2018)

A percepção do poder que a indústria audiovisual poderia ter, fez com que num momento de crise econômica, a mesma se tornasse uma alternativa inovadora para a economia. A indústria criativa sul-coreana foi muito importante para o desenvolvimento econômico do país. Diante disso, o governo sul-coreano colocou em prática políticas de incentivo ao investimento na indústria cinematográfica, programas de financiamento e medidas protecionistas em sua indústria cultural, tudo isso como um meio de promover sua cultura e fortalecer sua economia.

Outra forma que o governo adotou para promover a indústria cinematográfica, além dos programas de financiamento e do investimento privado, foi por meio das cotas. Como durante o período militar as produções sofreram censura, a indústria de cinema nacional perdeu muito do seu valor e o consumo de cinema no geral, no país sofreu uma queda de 60%. Após isso, com o começo da abertura de mercado, as produções estrangeiras começaram a dominar esse mercado na Coreia, com o intuito de evitar que o cinema nacional sucumbisse, o governo coreano começou a utilizar as cotas de exibição de produções nacionais. A política de cotas foi desenvolvida no período militar, em 1966, onde foi estabelecido um tempo de tela mínimo de exibição para as produções nacionais, as cotas foram muito importantes para a evolução da cinematografia nacional. (BARIFOUSE, 2020; PLASSE, 2020)

O fim da ditadura abriu ainda mais o mercado. Em 1988, todas as restrições foram derrubadas e os estúdios americanos começaram a se estabelecer no país. Poderia ter sido o fim completo do cinema local, desacreditado pelos

temas impostos pela ditadura, mas o novo governo democrata acionou a política de cotas de exibição para produções nacionais, implantada pelos militares nos anos 1960, que foi gradativamente ampliada. Apesar disso, os filmes sul-coreanos ainda respondiam por apenas 16% das bilheteiras do país até 1993. (PLASSE, 2020)

No governo seguinte, apesar da crise, Kim Dae-jung também dedicou esforços em promover a indústria cultural. Pois o mesmo acreditava fielmente em como a indústria cinematográfica traria resultados positivos a economia. Foram criadas instituições voltadas para a evolução de habilidades artísticas da população, como a Universidade Nacional de Artes Coreana (1995) e a Academia de filmes sul-coreanos. “O governo colocou no orçamento público subsídios e empréstimos a juros baixos para as indústrias culturais, lançando agências para promover e expandir as exportações e criando mais departamentos culturais nas universidades.” (MOREIRA, 2021). Houve também um investimento na infraestrutura cultural do país, nos últimos anos bilhões de dólares foram dedicados exclusivamente ao Ministério da Cultura, que tem o objetivo de formar novos desenhistas, atores, cantores e cineastas. (HENRIQUE, 2021)

Essas transformações no setor audiovisual, incentivaram na formação da nova geração de cineastas, nos anos 90, essa nova geração proporcionou ao país um destaque fora da Coreia, e suas produções eram exibidas em festivais internacionais. A participação em festivais de cinema internacionais desempenhou um papel crucial na internacionalização do cinema coreano. Filmes sul-coreanos ganham destaque em renomados festivais, como o Festival de Cannes, o Festival de Berlim e o Festival de Veneza, recebendo prêmios e atraindo atenção global. Essas conquistas ajudaram a colocar o cinema coreano no mapa internacionalmente e a aumentar sua visibilidade perante a indústria cinematográfica global. Nomes importantes da cinematografia coreana surgiram nessa época, como Park Chan-wook, Kim Jee-woon e até Bong Joon-Ho, diretor de “Parasita”. (PLASSE, 2020)

Desde seu filme de estreia, “Cão Que Ladra Não Morde” (2000), Bong Joon-Ho conta com apoio do governo, que em 1999 reformou o conselho de cinema do país, rebatizando-o e transformando-o em órgão de incentivo e fomento da produção cinematográfica local. O Korean Film Council (KOFIC, na sigla oficial), [...] desde financiar despesas de produção, estabelecer políticas de renúncia fiscal, organizar o mercado nacional e dar suporte financeiro para filmes sul-coreanos participarem de eventos internacionais, com autonomia em relação ao partido no poder. (PLASSE, 2020)

A política cultural sul-coreana tem sido muito muito eficiente, nos últimos anos, produções que mais tiveram êxitos nas bilheteiras do país, foram filmes nacionais, como:

Oldboy (2003), O Hospedeiro (2006), A Criada (2016) e Em Chamas (2018). Essas produções também ganharam visibilidade em outros países. Em 2020, Bong Joon-ho, diretor do filme “Parasita” (2019), conquistou um enorme feito sendo o primeiro filme não norte-americano, a ganhar o Oscar de Melhor Filme, além de outras três estatuetas: Melhor Direção, Melhor Roteiro Original e Melhor Filme Internacional. (HENRIQUE, 2021)

A crescente demanda por filmes coreanos em todo o mundo levou a um aumento na distribuição internacional. Grandes distribuidoras de cinema, como Netflix e distribuidoras internacionais, têm adquirido e distribuído filmes sul-coreanos, permitindo que cheguem a um público mais amplo e diversificado. Além disso, a popularidade dos serviços de streaming online facilitou o acesso global aos filmes coreanos, tornando-os mais acessíveis internacionalmente.

3.3 Análise do filme “Parasita”

Dirigido por Bong Joon-ho, Parasita (2019) apresenta de forma cômica e ácida a desigualdade social na Coreia. O triunfo de Parasita não ficou apenas na Coreia do Sul, o filme se tornou um fenômeno mundial, colhendo mais de 100 milhões ao redor do mundo. Ademais, o filme também foi indicado a muitos prêmios, como ao Oscar de 2020, o qual levou a estatueta de melhor filme internacional, melhor roteiro original e melhor filme. Tornando assim, Parasita o primeiro filme de língua não-inglesa a vencer nessas categorias tão concorridas. E, proporcionou a Bong Joon-ho, o Oscar de melhor diretor, superando Martin Scorsese, Quentin Tarantino e outros diretores que também disputavam nessa categoria. Em seu discurso, Bong Joon-ho disse “uma vez superada a barreira das legendas, vocês conhecerão muitos filmes incríveis”. (BONG JOON-HO, 2020)

A análise do filme "Parasita" é um elemento essencial para compreender o poder de influência e o impacto cultural da indústria cinematográfica sul-coreana. "Parasita" conquistou a atenção mundial ao abordar temas sociais, econômicos e políticos de forma envolvente e provocativa. Ao se aprofundar neste filme, é possível explorar sua narrativa complexa, personagens cativantes e mensagens implícitas, revelando a habilidade do cinema coreano em transcender fronteiras culturais e alcançar um público diversificado. (VARGAS, 2021)

O filme retrata a história da família Kim, que vive em condições precárias, lutando para sobreviver. Por meio de um encontro acidental, eles conseguem se infiltrar na vida da rica família Park, estabelecendo uma relação simbiótica entre os dois grupos. Através dessa

trama complexa, o diretor Bong Joon-ho questiona a estrutura social, as desigualdades de classe e os limites morais da sociedade. (VARGAS, 2021)

A família Kim, composta por Ki-taek, sua esposa Chung-sook e seus filhos Ki-woo e Ki-jeong, é caracterizada por trabalhar em conjunto, utilizando diferentes estratégias para garantir sua sobrevivência. Os filhos desempenham um papel crucial nesse processo, contribuindo para o sustento da família e participando ativamente dos golpes que são realizados ao longo da narrativa. Já a família Park, não tem essa união, com uma mãe sempre preocupada e com a constante ausência paterna. Os filhos dos Park vivem protegidos em uma espécie de redoma, focados em seus estudos e distantes dos desafios da vida cotidiana.

O Jovem Ki-woo recebe a proposta de ser professor particular de inglês, para Park Da-hye, a filha da família Park. Aproveitando-se dessa oportunidade, Ki-woo apresenta sua irmã, Ki-jeong, como uma renomada professora de artes e inicia um plano para infiltrar toda a família Kim nos empregos da casa dos Park. Aos poucos, a família Kim consegue se estabelecer na casa luxuosa dos Park, ocupando posições como motorista, governanta e professor particular. No entanto, eventos inesperados começam a desvendar segredos e a revelar a verdadeira face da sociedade sul-coreana, trazendo à tona questões de desigualdade, exploração e confrontos de classe. (VARGAS, 2021)

Parasita é um filme que fala sobre dinheiro: a sua abundância e também a sua ausência, lado a lado. Tudo isso vai ficando mais evidente através da narrativa, que vai esclarecendo e confundindo o espectador, a cada cena. Apesar de contar a mesma história, o longa-metragem pode transmitir mensagens muito diferentes para aqueles que assistem, dependendo da sua própria interpretação e mundividência. (MARCELLO, 2019)

É uma característica do diretor, Bong Joon-ho, trazer aos seus filmes uma mistura de gêneros, alcançando desfechos inesperados e satisfatórios, o mesmo junta um suspense com um pouco de humor sombrio. Joon-ho apresenta em seus filmes também problemas cotidianos e assuntos polêmicos, por exemplo: aquecimento global e questões sociais. Além disso, em sua obra há o uso repetido do conceito "monstro", que de acordo com Joon-ho um monstro pode ser metafórico ou literal, como um homem que apenas quer sobreviver, um assassino ou realmente uma criatura. Uma das características marcantes de "Parasita" é a maneira como Bong Joon-ho utiliza a linguagem cinematográfica para transmitir sua mensagem. A cinematografia excepcional, o uso habilidoso de simbolismos e metáforas visuais, bem como a trilha sonora envolvente, contribuem para a experiência imersiva e impactante do filme. (BONG JOON-HO, 2020)

Ao relacionar "Parasita" dentro do contexto do soft power exercido pela Coreia do Sul, é possível identificar como o filme dialoga com questões universais, despertando empatia e reflexão em um público internacional. A abordagem hábil do diretor em explorar temas sociais complexos e as nuances dos personagens permite que o filme ultrapasse barreiras culturais e ressoe com diferentes audiências ao redor do mundo. Além disso, a recepção global positiva de "Parasita" e seus inúmeros prêmios, incluindo a histórica conquista do Oscar de Melhor Filme, destacam o reconhecimento e a relevância do cinema sul-coreano no cenário internacional. O sucesso do filme evidencia a qualidade das produções cinematográficas coreanas, sua capacidade de entreter, desafiar e envolver o público, e, ao mesmo tempo, impulsionar a disseminação da cultura e do soft power da Coreia do Sul.

Quando um filme propaga a cultura e a história de um país, seja de forma intencional ou não, é gerado soft power, pois quem assiste ao filme recebe a imagem da realidade transmitida pela mídia e é suscetível a ter sua própria imagem do mundo influenciada pelo que acabou de assistir. [...] este tipo de poder atua de forma discreta e indireta, buscando convencer o outro a alterar suas preferências para que a fonte do poder consiga realizar seus desejos. No mundo globalizado, a melhor forma de um país propagar seu soft power é utilizar os meios de comunicação em massa para apresentar ao mundo sua cultura e seus valores, tendo no cinema um gigantesco potencial de alcance de pessoas. (SILVA NETO, 2018, p. 11)

CONCLUSÃO

Ao decorrer dos capítulos, ficou claro que a indústria cinematográfica sul-coreana tem desempenhado um papel fundamental na projeção da Coreia do Sul no cenário internacional. Através de filmes de alta qualidade, narrativas envolventes e personagens complexos, a indústria conquistou um público diversificado e consolidou uma reputação de excelência e originalidade. Ficando assim evidente que a produção cultural é influenciada pela sociedade, ou seja, quando um filme é reproduzido o que ele transmite e a visão de mundo de quem o criou, dessa forma é disseminada um determinado modo de pensamento.

A indústria cinematográfica sul-coreana é uma importante ferramenta de soft power. Por meio de suas produções, a Coreia do Sul tem sido capaz de difundir sua cultura, seus valores e suas perspectivas, estabelecendo conexões emocionais com audiências ao redor do mundo. Através do cinema, o país tem conquistado admiração e simpatia, ampliando sua influência e construindo relações mais estreitas com outras nações.

Essa influência se estende além do entretenimento, alcançando também aspectos políticos, sociais e econômicos. O sucesso do cinema sul-coreano tem gerado oportunidades de colaboração, intercâmbio cultural e cooperação em diferentes áreas. Os filmes têm o poder de despertar interesse pela cultura e sociedade sul-coreanas, o que pode resultar em uma maior compreensão e apreciação mútua entre os países.

É válido ressaltar que o poder do cinema sul-coreano não se limita apenas à sua capacidade de entretenimento, mas também desafia estereótipos e oferece perspectivas únicas sobre questões sociais, políticas e culturais. Ao abordar temas universais de uma forma autêntica e cativante, os filmes sul-coreanos despertam empatia e geram diálogos significativos, promovendo uma maior compreensão e apreciação das diversas culturas do mundo. A indústria cinematográfica sul-coreana tem tido um sucesso internacional que não apenas coloca o país no mapa do cinema mundial, mas também fortalece sua posição como uma nação influente, capaz de moldar narrativas e estimular a cooperação global.

REFERÊNCIAS

BARIFOUSE, Rafael. **Apoio do governo, cotas e festivais**: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar - BBC News Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743>. Acesso em: 15 maio 2023.

BASSO, Murilo. **De Parasita a K-Pop**: a bilionária 'onda coreana' – Comportamento – Estadão E-Investidor – As principais notícias do mercado financeiro.” E-Investidor, 29 de Maio de 2020. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/comportamento/kpop-parasita-a-bilionaria-onda-coreana>. Acesso em: 10 dez. 2022

BERNARDES, Pollyana. **O cinema como instrumento das Relações Internacionais**. 2022. Disponível em: <https://internacionaldaamazonia.com/2022/01/25/o-cinema-como-instrumento-das-relacoes-internacionais/>. Acesso em: 14 maio 2023

BONG JOON-HO | O destaque do cinema sul-coreano no mundo. 2020. Disponível em: <https://pordentrodatela.com.br/bong-joon-ho-cinema-sul-coreano-para-o-mundo/>. Acesso em: 15 maio 2023.

BURNI, Aline. Percepções, imagens e diplomacia cultural: algumas considerações sobre o caso brasileiro. **Revista Estudos Políticos**: a publicação eletrônica semestral do Laboratório de Estudos Hum(e) anos (UFF), Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 443 – 465, set. 2016. Disponível em: <http://revistaestudospoliticos.com/>. Acesso em: 7 dez. 2022

CARDOSO, Camila Borgert. **Diplomacia cultural da coreia do sul**: a efetivação do soft power. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/24703/1/Monografia%20Camila%20Borgert%20Cardoso%20.pdf> . Acesso em: 16 fev. 2023.

CHANG, Ha-Joon. **The East Asian Development Experience**: the Miracle, the Crisis and the Future. Penang: Third World Network, 2006.

CINEMA **como soft power norte-americano**. 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.onao.com.br/post/cinema-como-soft-power-norte-americano> . Acesso em: 26 ago. 2022.

COSTA, Renato. **O efeito Hollywood nas relações internacionais** | NEAI – Núcleo de Estudos e Análises Internacionais . 2015. Disponível em: <https://neai-unesp.org/o-efeito-hollywood-nas-relacoes-internacionais/> . Acesso em: 22 de agosto de 2022.

DA SILVA, ALINE A. et al. **A estratégia de soft power da Coréia do Sul perante o sistema internacional** (2008-2013). 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/19234/5/A%20ESTRATÉGIA%20DE%20SOFT%20POWER%20DA%20CORÉIA%20DO%20SUL%20PERANTE%20O%20SISTEMA.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

FERREIRA, Karla Tuany Lopes. **A indústria cultural como ferramenta de projeção de poder** : Um estudo de caso a respeito do uso do Cinema nas Relações Internacionais. Set. 2019. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/bitstream/handle/123456789/5321/Ferreira,%20Karla%20Tuany%20Lopes.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 27 ago. 2022.

GUIMARÃES, Alexandre Queiroz. Estado e economia na Coreia do Sul - do Estado desenvolvimentista à crise asiática e à recuperação posterior. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 30, n. 1, p. 45–62, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rep/a/pf3zwPjdz5ct8WjZ63kLpGn#>. Acesso em: 20 mar. 2023

GUITARRARA, Paloma. "Coreia do Sul". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/coreia-sul.htm>. Acesso em 27 mar. 2023.

HENRIQUE, Pedro. **A capacidade sul-coreana de transformar sua cultura em soft power** - Deviante. 2021. Disponível em: <https://www.deviante.com.br/noticias/a-capacidade-sul-coreana-de-transformar-sua-cultura-e-m-soft-power/> . Acesso em: 27 ago. 2022.

KIM T.; JIN, D. Cultural Policy in the Korean Wave: An Analysis of Cultural Diplomacy Embedded in Presidential Speeches. **International Journal of Communication**, 10, 5514–5534. 2016.

KIM, Youna. **Soft Power of the Korean Wave: Parasite, BTS and Drama**. 2021. 238 p. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=MA43EAAAQBAJ&lpg=PT117&ots=ArkhSJux6&dq=bts%20impact%20on%20music%20industry&lr&hl=ptBR&pg=PT3#v=onepage&q=bts%20impact%20on%20music%20industry&f=false>. Acesso em: 15 maio 2023

LEE, You-il; KIM, Wan-soon. Caminho sinuoso da Coréia do Sul para a globalização no final do século XX. **Revisão de Estudos Asiáticos** , v. 34, n. 3, pág. 309-327, 2010.

LUZ, Ana Raíssa. **O que foi o massacre de Gwangju e o caminho para a democracia sul-coreana** . 2021. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2021/05/o-que-foi-o-massacre-de-gwangju-eo-caminho-para-a-democracia-sul-coreana/> . Acesso em: 28 abr. 2023.

MARCELLO, Carolina. **Filme Parasita** (resumo e explicação). 2019. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/filme-parasita/>. Acesso em: 14 maio 2023

MARTINELLI, Caio. **O Jogo Tridimensional: o Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye**. Conjuntura Global, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/download/47424/28453>. Acesso em: 10 dez. 2022

MOREIRA, U. **Round 6: K-pop & cinema coreano**. 2021. Disponível em: <https://disparada.com.br/round-6-k-pop-cinema-coreano/>. Acesso em: 15 maio 2023.

NYE, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. São Paulo: Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2009.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano**: porque a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP, 2002.

NYE, Joseph S. **O paradoxo do poder americano**. UNESP, 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=2Q_si0ulYvIC&pg=PA5&hl=ptBR&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 10 dez. 2022

NYE, Joseph S. **Soft Power, New York, Estados Unidos**: Public Affairs. 2004. Disponível em: <http://www.worldbank.org/en/about/archives/history/past-president> Acesso em: 10 dez. 2022

OLIVEIRA, Henrique Altemani. **A Península Coreana**: Proposições para Mudança. PUCSP, 2009. Disponível em: <https://www.pucsp.br/geap/coordenador/peninsulacoreana.PDF>. Acesso em: 20 mar. 2023.

OSCAR 2020 | Tudo sobre Parasita. 2020. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/oscar/parasita-tudo-sobre> . Acesso em: 15 de abril de 2023.

OURIVEIS, Maíra. **Soft power e indústria cultural**: a política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo. Disponível em: <https://rari.paginas.ufsc.br/files/2013/10/RARI-Nº4-Vol.-II-Artigo-7.pdf> . Acesso em: 28 ago. 2022.

PLASSE, M. **O segredo do sucesso de "Parasita": apoio e incentivo do governo sul-coreano**. Pipoca Moderna, 2020 Disponível em: <https://pipocamoderna.com.br/2020/02/o-segredo-do-sucesso-de-parasita-apoio-e-incentivo-d-o-governo-sul-coreano/>. Acesso em: 4 maio 2023.

RIBEIRO, Edgard Telles. **Diplomacia cultural**: seu papel na política externa brasileira. Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1989.

RYOO, Woongjae; JIN, Dal Yong. Política cultural nas indústrias culturais sul-coreanas: confrontos entre o desenvolvimentismo de Estado e o neoliberalismo. **Revista Internacional de Política Cultural** , v. 26, n. 1, pág. 31-45, 2020.

SANTANA; CARDOSO; GREGORIO. **Soft power e a hallyu** : o papel do entretenimento no expansionismo cultural sul-coreano. 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/20202/1/SOFT%20POWER%20E%20A%20HALLYU%20O%20PAPEL%20DO%20ENTRETENIMENTO%20NO%20EXPANSIONISMO%20CULTURAL%20SUL%20COREANO.pdf> . Acesso em: 28 abr. 2023.

SILVA NETO, Maurício Ribeiro da. **Universo Cinematográfico Marvel como fonte de soft power dos Estados Unidos da América**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24079/1/UniversoCinematograficoMarvel.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2022.

SILVA, Daniel Neves. "Guerra da Coreia". **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/guerra-coreia.htm>. Acesso em 27 mar. 2023.

SOUSA, Patricia Camargo. **A Melhor Casa é Aquela que Construimos no Coração um do Outro**-a Hallyu como Estratégia da Diplomacia Pública Sul-Coreana no Japão (2010-2019). 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/7211>. Acesso em: 24 abr. 2023.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Guerra da Coreia"; **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/guerras/guerra-coreia.htm>. Acesso em 29 mar. 2023.

ТЕМЕРБАЕВА, А. С. (2022). **Американские Кинокомиксы Как Инструмент "мягкой Силы"** США (На Примере Кинокомиксов Marvel). КиберЛенинка. Disponível em: <https://cyberleninka.ru/article/n/amerikanskiye-kinokomiksy-kak-instrument-myagkoy-sily-ssh-a-na-primere-kinokomiksov-marvel> Acesso em: 27 ago. 2022.

TOUSSAINT, Eric. **Desvendando o milagre da Coreia do Sul**. Revista Movimento, 18 set. 2017. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2017/09/coreia-do-sul-milagre-coreia-do-norte/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

URBANO, Krystal. et. al. K-pop, ativismo de fã e desobediência epistêmica: um olhar decolonial sobre os ARMYs do BTS. **Dossiê decolonialidade e política das imagens**, logos 55, v. 27, n. 3, UERJ, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2020.54453>. Acesso em: 22 abr. 2023.

VARGAS, Leticia de Souza. **Quem é o Parasita?** uma análise sobre a linguagem audiovisual no filme parasita de Bong Joon-ho . 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16755/1/TCC%20-%20Leticia%20Vargas%20Finalizado%20-%20Word.pdf> . Acesso em: 15 de maio de 2023.